

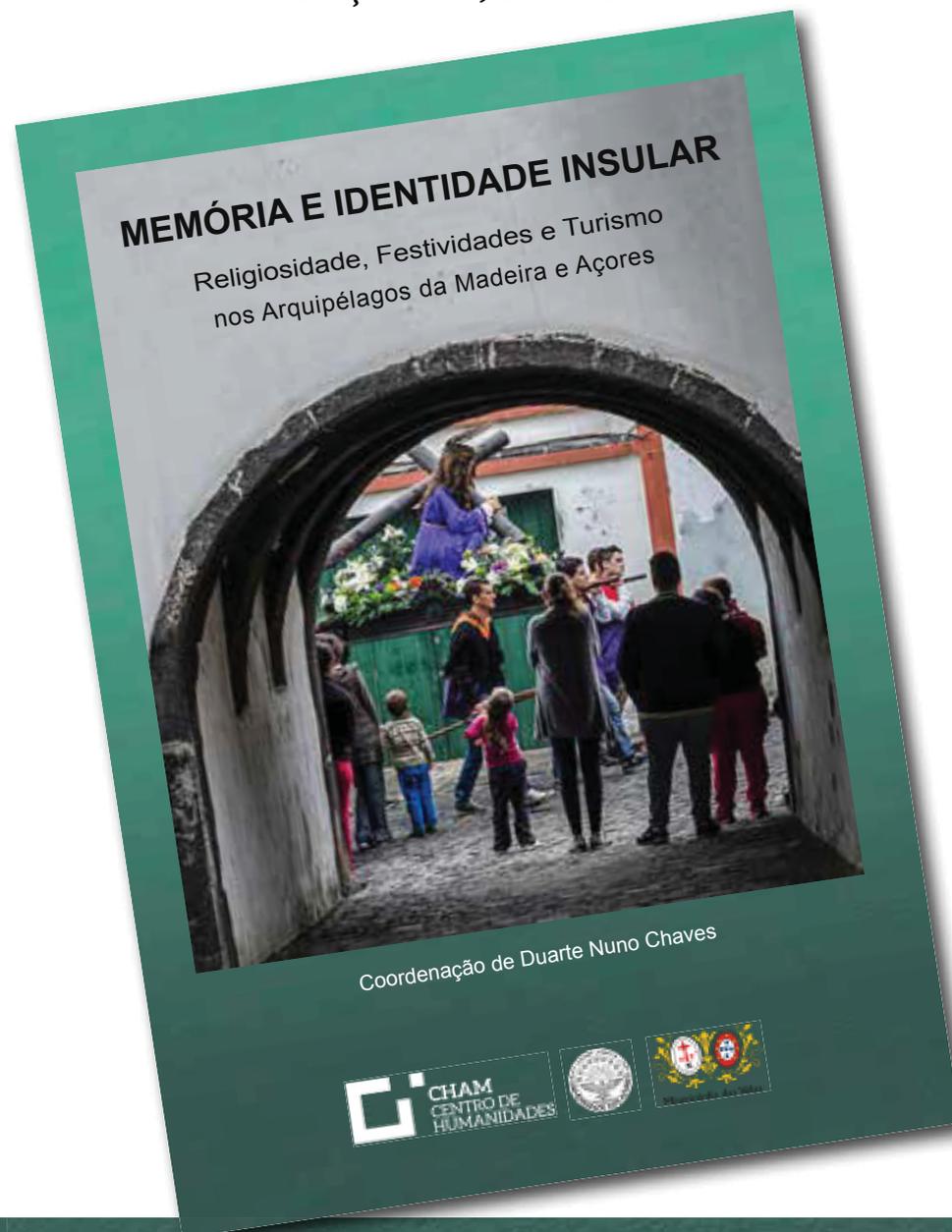
A PROCISSÃO DAS CINZAS EM SÃO BERNARDINO

UM REFLEXO DO PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO FRANCISCANA NA MADEIRA

Cláudia Faria, *SRTC/CEHA*

Duarte Nuno Chaves, *Universidade dos Açores/CHAM*

Graça Alves, *SRTC/CEHA*



MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR

Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores

CHAM | UNIVERSIDADE DOS AÇORES

ISBN: 978-989-20-9631-5, VELAS, S. JORGE, AÇORES (2019)

PP. 263 - 274

MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR
Religiosidade, Festividades e Turismo
nos Arquipélagos da Madeira e Açores

Coordenação

Duarte Nuno Chaves

CHAM — Centro de Humanidades
Santa Casa da Misericórdia das Velas
Velas, S. Jorge
2019

FICHA TÉCNICA

Título *MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR*
Religiosidade, Festividades e Turismo
nos Arquipélagos da Madeira e Açores

Coordenação Duarte Nuno Chaves

Autores Vários

Edição – CHAM – Centro de Humanidades | Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova
de Lisboa e Universidade dos Açores
– Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge

Capa e Paginação CEHA (Gonçalo Mendes)

Fotografia da capa Paulo Rafael

Tiragem 400

Depósito Legal 457109/19

ISBN 978-989-20-9631-5

Data de Saída 2019

Execução Gráfica Nova Gráfica Artes Gráficas
Rua da Encarnação, 21 Fajã de Baixo
9500-513 Ponta Delgada São Miguel - Açores

Apoios



Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores (M3.3.c/Edições/002/2019) e contou com o apoio da Direção Regional da Cultura | Centro de Estudos de História do Atlântico Alberto Vieira, no âmbito do projeto de Pós-doutoramento com a referência “M3.1.a/F/003/2016” do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

A PROCISSÃO DAS CINZAS EM SÃO BERNARDINO

UM REFLEXO DO PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO FRANCISCANA NA MADEIRA

Cláudia Faria, *SRTC/CEHA*

Duarte Nuno Chaves, *Universidade dos Açores/CHAM*

Graça Alves, *SRTC/CEHA*

Nota introdutória

No âmbito da parceria desenvolvida pelo Centro de Estudos do Atlântico (CEHA) e o CHAM – Centro de Humanidades da Universidade dos Açores, fomos resgatar uma procissão, pouco conhecida entre nós, que ocorre, todos os anos, na Quarta-feira de cinzas, na paróquia de Santa Cecília, mais concretamente no Convento de S. Bernardino, em Câmara de Lobos.¹

Gostaríamos de frisar que o texto agora editado representa uma primeira abordagem no espaço da investigação histórica e antropológica a este fenómeno de religiosidade popular. Uma vez recolhida a informação teórica acerca desta tradição, manifestamente pouca, optou-se por contactar, primeiro, o responsável pelo Convento de São Bernardino, Frei Nélio Mendonça, depois, os leigos da ordem Franciscana e, por último, a população residente na zona. O objetivo era ouvir os vários intervenientes e registar o grau de envolvimento não só das famílias que guardam as imagens (santos) mas também daqueles que estão diretamente envolvidos nos preparativos da procissão. Pretendíamos recolher o máximo de informação (oral e visual)

¹ Gostaríamos de salientar os contributos de Élia de Sousa e Rui Camacho, da Associação Xarabanda, na recolha de fontes que estiveram na origem da redação deste artigo.

relativa ao dia da procissão propriamente dito, mas também no que diz respeito aos preparativos e acima de tudo testemunhar o que se passa durante o resto do ano, período durante o qual as imagens ficam recolhidas em várias casas. Era ainda nosso propósito aferir o impacto desta procissão não apenas no seio da comunidade câmara-lobense mas também na Ilha da Madeira.

O trabalho de campo requer sempre preparação prévia e cuidada. Requer igualmente uma boa dose de boa vontade e espírito aberto. É importante estar atento aos detalhes e ouvir mais do que falar. A nossa missão enquanto “arqueólogos da memória” é registar. Não sendo possível “mostrar” toda a dimensão desta recolha, deixamos aqui alguns apontamentos. Ficou, porém, registado, em áudio e vídeo, esta jornada de trabalho que está disponível para futuros estudos.

Enquadramento histórico

Contar a história da Procissão das Cinzas em São Bernardino, para além de ser um capítulo da presença da Ordem Seráfica na Madeira é ainda um exercício de reflexão sobre o percurso de um conjunto de manifestações penitenciais de origem franciscana, acontecidas no período da Quaresma, que se propagaram no início do século XVII em Portugal e Espanha, com reflexo na expansão dos impérios ibéricos durante a Idade Moderna².

Após um período de declínio experimentado pelo movimento secular franciscano, durante os séculos XV e XVI, o clima espiritual vivido no pós Concílio de Trento vai difundir o associativismo religioso junto dos leigos no interior da Igreja como forma de enquadramento comunitário, tendo as confrarias e irmandades um importante papel na construção da identidade religiosa³. Estes acontecimentos proporcionaram o restabelecimento das Ordens Terceiras, desempenhado em quatro vertentes: sacramental, espiritual, social e evangelizador. A sua acção vai centrar-se na celebração dos sacramentos, como forma de alimento e fortificação da fé, e ainda da extrema-unção, reconforto para que o cristão possa suportar a transição da plenitude terrena à morte.

2 Cf. CHAVES, Duarte Nuno. 2018. *As Imagens de Vestir da Procissão dos Terceiros: Um legado franciscano em S. Miguel, Açores, Séculos XVII a XXI*. Museu Vivo do Franciscanismo, Ribeira Grande.

3 Vd. PENTEADO, Pedro. 1995. “Confrarias portuguesas da época moderna: problemas, resultados e tendências da investigação, in *Lusitânia Sacra*. Lisboa, Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Tomo VII, 2ª série.

O clima de espiritualidade e fraternidade dos terciários franciscanos ficou bem patente no seu primeiro Capítulo Geral, efectuado em Toledo no ano de 1606, tendo como consequência a difusão dos seus ideais a Portugal, sendo que estes rapidamente se propagam no eixo atlântico Madeira, Açores e Brasil, ainda antes da década de 1620⁴.

Numa dinâmica evangelizadora, particularmente durante os séculos XVII e XVIII, a então Venerável Ordem Terceira da Penitência utilizou os cortejos penitenciais no período quaresmal, como meio de eleição para a catequização de uma população maioritariamente analfabeta. Estas manifestações caracterizavam-se pela dramatização litúrgica, utilizando para esse fim um programa iconográfico composto, maioritariamente, de grupos escultóricos formados por imagens de vestir, situação que potenciou um fenómeno que se representou pela presença de rituais inerentes ao costume de vestir a escultura sacra com mantos e vestuário apropriado na caracterização dos quadros processionais⁵.

Na procissão da Quarta-feira de Cinzas, período que dá início à época da Quaresma, quadra entendida pelos católicos como uma preparação da Páscoa, os leigos franciscanos aproveitam para historiar e dramatizar o percurso da Ordem Franciscana e do seu patriarca S. Francisco de Assis. A existência Seráfica é narrada numa procissão composta pela teatralização da liturgia, executada por intermédio de “Atores” trajados a rigor — “As Imagens de Vestir” que representam o percurso do fundador da Ordem desde a entrega da Regra em 1209 até à sua morte em 1226, sendo a sua trajectória de vida aclamada perante uma comunidade de Santos que representam a família franciscana composta pela Ordem dos Frades Menores, Ordem de Santa Clara e a Venerável Ordem Terceira da Penitência⁶.

A transposição desta tradição na Madeira durante a Idade Moderna terá sido amplamente difundida pelos frades menores, já que a sua presença na assistência religiosa nesta região, confunde-se com o próprio processo de povoamento da ilha, iniciado por João Gonçalves Zarco. Muito prova-

4 Sobre a implantação da Ordem Terceira da Penitência nos Açores e no território brasileiro, consulte-se respetivamente: CHAVES, 2018 & MORAES, Juliana de Mello. 2011. “Os das Ordens Terceiras de S. Francisco e as suas relações familiares no Império Português do século XVIII”, in *Família, espaço e património*. Carlota Santos (coord.). Porto, CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar.

5 Vd. FLEXOR, Maria Helena Ochi. 1997. “A religiosidade popular e a imaginária na Bahia do século XVIII”. In *COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE*, 3. Évora e Cáceres, Universidade de Évora, 1997.

6 Cf. CHAVES, 2018.

velmente o convento de S. Francisco, na cidade do Funchal, no período da Idade Moderna, funcionou como um elemento difusor da dinâmica terciária junto dos restantes ermitérios da ilha. A actividade evangelizadora dos terceiros ter-se-á mantido profícua ao longo dos séculos XVII e XVIII, mas a escassez de fontes e de estudos de referência sobre as procissões penitenciais não nos permitem traçar um percurso concreto dos acervos processionais existentes na ilha até ao início do século XIX.

O despreendimento pelas tradições penitenciais franciscanas acontece no seguimento dos “ventos liberais” que terminaram em guerra civil (1828-1834), responsável em termos ideológicos, por uma laicidade da sociedade e do próprio Estado que seria materializada no encerramento, e consequente nacionalização, de grande parte das casas religiosas e extinção das Ordens Regulares masculinas de todo o território português.

A legislação liberal foi, no entanto, omissa em relação às Ordens Seculares, tendo esta situação permitido que as capelas existentes nas igrejas conventuais ficassem a cargo das fraternidades de seculares franciscanos. O liberalismo deu início a um processo de fragmentação do movimento leigo franciscano, que veio paulatinamente a sofrer um conjunto de reveses, ampliados, já no começo do século XX, pela legislação republicana que retirou o carácter religioso aos movimentos de leigos católicos. A Lei de Separação da Igreja do Estado, de 21 de Abril de 1911, proibiu qualquer tipo de ligação entre as Ordens Seculares e as Ordens Regulares. A Ordem Terceira passa a ter apenas funções de cariz social, levando-a ao mesmo patamar das restantes irmandades ou corporações de assistência ou beneficência social⁷.

A realização das procissões de penitência franciscana, no território português, vai manter-se em atividade até à primeira metade do século XX, sendo que, após este período, muitas delas acabam por se extinguir. No “Elucidário Madeirense” é referido que a procissão das Cinzas, último presépio de penitência na cidade do Funchal, saía do convento de S. Francisco do Funchal, passando nas igrejas de Santa Clara e das Mercês desta cidade⁸.

7 Cf. CHAVES, 2018

8 No decorrer de uma visita que tivemos oportunidade de efetuar ao Museu de Arte Sacra do Funchal, em busca de memórias da coleção processional dos Terceiros funchalenses, foi-nos dado a observar uma coleção de nove imagens de vestir que representariam um conjunto de figurações de santos procedentes da Igreja do Colégio no Funchal. Apesar da informação inicial facultada apontar para que muitas destas imagens estivessem integradas no presépio que anualmente se realiza nesta igreja e, ainda para o facto das mesmas pertencerem à coleção do referido colégio jesuítico, tendo sido incorporadas neste museu, segundo fichas de inventário que nos foram facultadas, nos anos de 1996 e 1998, somos levados a acreditar que grande parte desta imaginária serviu para representar os santos que compunham o cortejo processional dos terceiros da cidade do Funchal.

Depois do desaparecimento da igreja conventual de invocação a S. Francisco de Assis, o cortejo de penitencial passou para a igreja do Colégio, persistindo a procissão até ao ano de 1921⁹.

Neste contexto de desapego às tradições penitenciais franciscanas, ficou para a posteridade a tradição na realização da procissão das Cinzas, ou dos Terceiros, como também é conhecida, executada pela fraternidade de seculares franciscanos subordinados do antigo convento com o oráculo a S. Bernardino, em Câmara de Lobos. Esta procissão de origem seráfica é a última a efectuar-se no arquipélago da Madeira, em pleno século XXI, e faz parte de um conjunto restrito de cortejos de penitência que ainda se concretizam em território português (Mafra, Ovar e S. Vicente da Beira em Portugal Continental), e no arquipélago dos Açores (Ribeira Grande, na ilha de S. Miguel; Quatro Ribeiras, Cinco Ribeiras, Doze Ribeiras, Santa Bárbara, Ribeirinha, na ilha da Terceira)¹⁰.

Embora sendo difícil traçarmos um perfil historiográfico deste evento processional, para o período pós extinção das Ordens Religiosas Regulares, podemos afirmar, baseados num critério de história comparada, e na narração do Pe. Eduardo Pereira, que assegura o dia 18 de junho de 1837, como data em que algumas das imagens da procissão foram levadas para a matriz da vila e outras para a residência de algumas famílias. Este acontecimento transporta-nos para um fenómeno singular, em que fruto da laicização da sociedade, esta procissão ganha uma nova dimensão antropológica, visível na “apropriação” das imagens de vestir por parte da comunidade de crentes.

A tradição de executar o cortejo de penitência na quarta-feira de cinzas perpetuou-se, num primeiro momento dirigido à igreja matriz de Câmara de Lobos, e depois com a recém-criada paróquia de Santa Cecília, passando a efectuar-se num trajeto mais curto. O préstimo processional é composto, para além do Senhor dos Passos, por 9 imagens de santos franciscanos, dispostas em grupos escultóricos, que ganham anualmente vida, quando repartem a sua dimensão espiritual e de piedade popular com o espaço urbano, ficando reinventadas numa missão evangelizadora em que é potenciado o ideal de aproximação entre religiosos e leigos, seguindo os propósitos que presidiram à criação das Ordens Terceiras por S. Francisco de Assis, no século XIII.

9 Cf. SILVA, Fernando Augusto da; MENESES, Carlos Azevedo. 1978. *Elucidário Madeirense* (Vol. III). Secretaria Regional da Educação e Cultura, Funchal: 141.

10 Cf. CHAVES, 2018.

Uma espécie de diário de campo

No dia e hora marcada, chegámos. Máquinas de filmar e fotografar, gravador, cadernos e caneta para tomar notas. A D. Filomena já lá estava à nossa espera, espreitando por entre a porta de alumínio e de sorriso ainda tímido. Não teve dúvidas de quem éramos. Com tanto equipamento, “só podiam ser as tais senhoras que querem saber dos santos”, disse já a rir.

Subimos a ladeira, ladeados por bananeiras e por um sol a querer despontar. Abrimos a porta. Não há campainhas por aqui. Todos se conhecem. Descemos o terreiro e fomos ao encontro de D. Isabel, a guardiã do «Preto das Malassadas», já de chave na mão.



Fig 1- A preparação do São Benedito para a procissão

São Benedito, de seu nome verdadeiro, fica guardado na sala das visitas. Vive lá todo o ano, por detrás da mesa de jantar e lado a lado com bonecas de outros tempos e bibelots que compõem a decoração do espaço.

A memória da vinda deste santo para a família vai-se perdendo no tempo. Já aqui estava no tempo dos pais. Dizem que houve um incêndio e que as pessoas foram salvar as imagens. E isso chega. O importante é que lhes cabe cuidar deste “elemento da família”: limpar de vez em quando, com cuidado, lavar as roupas e, se for preciso, mandar restaurar e fazer roupa nova.

Isabel, a mais velha da família, assume naturalmente esta responsabilidade. O santo faz-lhe companhia todos os dias. Fala com ele, pede-lhe proteção e, sorrindo, não revela mais detalhes. Há coisas de que não se falam.



Fig. 2 – Entrevista a D. Isabel, guardiã do São Benedito

Está contente porque o santo está quase a sair à rua. É assim todos os anos. Na Quarta-feira de Cinzas, o dia começa cedo com a chegada as flores encomendadas a uma estufa [antigamente bastavam as do quintal]. É preciso «assear o santo», isto é, vesti-lo com a roupa da procissão [um fato de fazenda mais fina], arear o resplendor e compor o andor. Tem sido assim ao longo de décadas. Será assim este ano.

Daqui, passamos para a casa da Santa Isabel. O caminho segue por entre bananeiras, gatos estirados ao sol e cães que ladram, avisando da estranheza do visitante. Estão já à nossa espera e o Sr. Élvio guia-nos até à sala de estar onde está a Rainha, no seu hábito imaculado. Ali está desde que o pai faleceu e a família decidiu que ficaria à guarda do filho mais velho. Dos primórdios pouco se sabe. Há histórias contraditórias, equívocos e sobretudo muitos silêncios que, passando de geração em geração, se foram assumindo tal como são: silêncios.

É a esposa do Sr. Élvio que toma conta da Santa. O maior cuidado está nos cabelos e na touca branca que lhe cobre a cabeça. O testemunho foi-lhe passado pela tia do marido. Será passado para as suas filhas.

No dia da procissão, chegamos às 9.30h da manhã. É cedo que as imagens começam a ser preparadas pelas famílias. Muitas contam com a ajuda de amigos e vizinhos, neste dia onde se misturam a devoção e brio da santidade.

Encontramos São Francisco abraçado à cruz, no convento de São Bernardino. Nem todas as casas têm espaço para o «asseio». José Luís prepara o seu santinho com um desvelo de pai. Conta com a mulher e as vizinhas para ajudar a enfeitar e a cobrir de orquídeas (dos quintais) a cruz que segura o Cristo.



Fig. 3 – Preparação do S. Francisco abraçado à Cruz, no Convento de S. Bernardino.

Santa Rosa de Viterbo é a imagem mais pequena do grupo de nove que sai na procissão. Está nas mãos da Teresa. Passa o ano dentro de um oratório, que foi construído quando ainda estava na casa das tias, explica Teresa. Até ao ano passado, era aseada no quarto onde estava acamado o pai de Teresa. Este ano, o andor foi colocado na sala e Teresa chamou a si a tarefa de colocar as rosas. Brancas. Só brancas.



Fig. 4 – O oratório e andor de Santa Rosa de Viterbo

O São Salvador pertence a Ireneu. Foi na carpintaria que o fomos encontrar já quase pronto para sair à rua. Ireneu não esconde o orgulho que tem neste santo que herdou do pai. Foi pela tia Judite que soubemos que o pai do Ireneu era o presidente da comissão da procissão e que foi buscar a imagem a casa de umas pessoas. Estava todo partido, braços para um lado, pernas para outro. Foi mandado restaurar. O cabelo foi oferecido por uma tia, mesmo antes de professar e a roupa custeada pela madrinha, há muitos anos.



Fig. 5 – A preparação do São Salvador na casa de Ireneu, guardião da imagem.

Judite guardava no colo uma série de fotografias, descoloridas mas cheias de histórias para contar. A sobrinha, enquanto decorava o andor com margaridas e alinhos, apelava à memória da tia, porque era ela que sabia tudo.

O dia da procissão obrigava a um despertar vespertino. É preciso vestir o santo, isto é, mudar a roupa, uma vez que alguns têm vestes especiais para este dia. Depois, e uma vez o santo colocado no andor, que regra geral fica guardado numa dependência da casa (loja, garagem, sótão) há que começar a decoração com flores. Antigamente, as flores eram recolhidas nos quintais. Eram os próprios guardiões das imagens, os familiares e os vizinhos que, em



Fig. 6- Entrevista a D. Judite, antiga guardiã da imagem de São Salvador.

conjunto, colhiam as flores e faziam a decoração. Hoje, as flores são encomendadas a estufas ou lojas da especialidade, que fazem a entrega ao domicílio. Em quase todos os casos, a colocação das flores está a cargo das mulheres da família. Sucede, por vezes, situações em que as flores são pagas por alguém (familiar ou vizinho) no cumprimento de uma promessa.

Pela tarde fora, as imagens começam a chegar ao Convento, onde são colocadas pela respectiva ordem. Cada família é responsável pelos homens que irão carregar o andor, assim como pelas crianças que o acompanham. Às 18h, inicia-se o cortejo, que saindo do Convento segue em direção à Igreja de Santa Cecília, engrossando cada vez mais, à medida que a população se vai juntando. É já noite, quando os santos são depositados no interior da dita Igreja e se celebra a eucaristia.

Ainda nessa mesma noite, regressam à sua casa. Sempre foi assim.

Familiares, vizinhos e amigos juntam-se noite dentro, celebrando com grande entusiasmo. A mesa é farta e muitas vezes, destina-se já o que fazer no próximo ano. Todavia, e na maioria dos casos, tudo se repete de forma igual, num acordo que não requer renovação. Embora evitem falar no futuro, furtando-se a responder à pergunta: quem ficará com a imagem quando morrer, a verdade é que, pudemos testemunhar o envolvimento das gerações mais novas, na preparação do andor e no acompanhamento da procissão, indicando, assim, que a tradição será mantida.

Já em casa, o santo é novamente colocado no seu lugar: na sala, no oratório, no quarto de dormir, no armário. As flores vão murchando e são retiradas gradualmente. Tudo fica como antes ... e à espera do próximo ano.

São estes os guardiões do tempo que dão colo aos santos que saem à rua na Quarta-feira de Cinzas na paróquia de Santa Cecília, em Câmara de Lobos. “Criam” estas imagens tal como se cria um filho: com todo o amor. E perpetuam a tradição.

